

Especial

Beleza sem barreiras

Na sociedade, ainda há um preconceito de que pessoas neurodivergentes não podem ou não conseguem se cuidar — pensamento ultrapassado e discriminatório. Na verdade, o problema está nos profissionais e nos espaços que deveriam proporcionar esse cuidado, como salões, clínicas, restaurantes e spas, que muitas vezes não são imaginados para elas. Essa visão começa a mudar com a capacitação eficiente de profissionais de diversas áreas. Um exemplo é Hani Chiareli, cabeleireira especializada no atendimento a pessoas autistas.

Com aptidão natural para cuidar, Hani sempre foi apaixonada pelos processos de embelezamento. Após a chegada de bebês à família, uniu o amor pelo cuidado ao carinho pelo universo infantil em um único trabalho. Hoje, atua diretamente com crianças atípicas, oferecendo atendimento individualizado, em que deixa os pequenos

conduzirem o processo, sem seguir uma técnica rígida.

“Eu abordo a criança na direção que ela me dá e não com ferramentas pré-definidas. Quando se trata de uma criança autista, mesmo aquelas que já conheço e com quem conquistei confiança, cada dia é um dia novo. Elas chegam diferentes, dependendo do que viveram, se passaram por terapia ou por algum estresse. Então, meu atendimento é orgânico e exclusivo, respeitando sempre a sensibilidade e a forma como cada uma gosta de ser atendida”, explica.

Hani se adapta à rotina de cada paciente e, em alguns casos, corta o cabelo até enquanto a criança dorme. O essencial, segundo ela, é manter uma comunicação afetiva, respeitando os limites e o tempo de cada pessoa. A paciência no atendimento e o entendimento sobre o espectro fazem com que desenvolva o trabalho com empatia e inclusão.



Hani, em alguns casos, corta o cabelo até enquanto a criança dorme

Arquivo pessoal



Mais do que comer, pertencer!

Longe de ser apenas uma necessidade fisiológica, o ato de comer, para muitos neurodivergentes, pode ser fonte de incômodo. Foi com essa percepção, e a partir da própria vivência com o filho, que Vinicius Longaray decidiu criar, em 2022, o Espetinho do Vini, um restaurante pensado para acolher pessoas dentro do espectro autista.

“Quando criei esse espaço, foi baseado nas minhas experiências com meu filho. Levei em consideração tudo aquilo que sentia falta em outros locais e trouxe para o nosso estabelecimento, principalmente empatia, amor e um bom atendimento com essas crianças”, conta.

Pai atípico de uma criança autista nível 1 e com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), Vinicius adaptou o restaurante, no Rio Grande do Sul, de forma completa. “No primeiro projeto, fizemos várias mudanças. Fechamos a área externa com vidro, colocamos brinquedos sensoriais e abafadores de ruído”, detalha.

O restaurante de Vinicius tem um menu especial em que os responsáveis escolhem o que a pessoa mais gosta de comer, com um preço acessível e mais aderente ao paladar atípico

A pouca adesão à proposta na cidade de origem fez com que Vinicius reformulasse o negócio, mas sem perder o propósito. Hoje, o local já não tem toda a estrutura anterior, mas mantém o foco no acolhimento e na facilitação da rotina. “Temos um menu especial em que os responsáveis escolhem o que a pessoa mais gosta de comer, com um preço acessível e mais aderente ao paladar atípico e infantil, evitando também desperdícios e gastos desnecessários”, explica.

Mesmo com os desafios, Vinicius acredita que locais adaptados e inclusivos deveriam ser mais valorizados. Para ele, a verdadeira inclusão não está apenas nas estruturas, mas na forma como as pessoas acolhem quem é diferente, seja em espaços comerciais, religiosos, seja institucionais.

“Se a criança não sentir confiança no local, ela não vai permanecer. Já fui a lugares humildes, mas com um atendimento e uma empatia enormes. Acho que o acolhimento e o amor que se transmite são fundamentais para facilitar a rotina dos autistas.”

A psicóloga Luciana Garcia relembra que criar ambientes realmente inclusivos exige equilíbrio entre acolhimento e autonomia. O primeiro passo é entender que as diferenças sensoriais e emocionais não são fragilidades, mas características neurológicas reais. “Respeitar esses limites é o que permite que o autista ‘funcione melhor’, não o que o torna dependente”.